

O REMIX ESCRITO NO FACEBOOK

Júlio César Ferreira Firmino (UECE)
juliofirmino@yahoo.com.br

1. Introdução

O vetusto provérbio latino “*verba volant, scripta manent*”¹ revigora-se neste início de século com o advento de novos aparatos e sistemas de informação os quais, a um só tempo, facilitam e estimulam a comunicação interpessoal, particularmente, quando tratada em seu registro verbal escrito.

Entretanto, em várias situações, escrever é muito mais do que o simples ato de registrar. Tredinnick assevera que “quando escrevemos, falamos no papel” (2008, p. 14). Em verdade, poderíamos adequar a assertiva do ensaísta, poeta e professor inglês aos tempos atuais, tão somente modificando e/ou incluindo os novos suportes eletrônicos em voga. Desta maneira, a celulose abrindo espaço para o cristal líquido ou, em outras palavras, o átomo dando lugar ao elétron.

Da folha de papel para a tela do computador houve mudanças significativas, sobretudo quando falamos em letramento digital, entendido como “a capacidade através da qual os cidadãos têm a competência necessária para tirar proveito das possibilidades ofertadas pelas novas tecnologias em diferentes contextos” (ERSTAD, 2008, p. 177). Contudo, estas transformações vieram em profusão quando da interligação dos inúmeros computadores espalhados pelo mundo em uma arquitetura de

¹ O prof. Paulo Rónai assim traduz esta máxima: “As palavras voam, a escrita fica” (1980, p. 181).

entrelaçamento. O produto, em rede, desta nova “escrita” é, assim, rapidamente disseminado através da Internet¹.

É fato que a Internet vem propiciando uma mudança de hábitos em relação à escrita, especialmente quanto ao papel desempenhado pelos leitores, que de meros leitores passaram também a ter atribuições de escritores ou *remixers*, tal como definido por Lessig (2001, 2004, 2006, 2008), os quais podem abandonar a condição exclusiva de RO (*read only* – somente leitura) para exercer a função de RW (*read and write* – leitura e escrita), gerando novas e inúmeras aplicações que se utilizam do registro escrito na *Web*².

Neste contexto frenético de mudanças, vimos o surgimento e a velozíssima proliferação de um *site* de rede social (SNS – *Social Network Site*) – o Facebook. Com adeptos em todos os continentes e chegando a impressionante marca superior a 800 milhões de usuários ativos³, o Facebook é um verdadeiro fenômeno mundial de nas redes de relacionamento⁴.

Ao englobar vários aplicativos sob um único domínio e envolvendo as mais tentadoras e encantadoras formas de contribuição, tais como vídeos, imagens gráficas, fotografias, áudios, músicas etc., há de se questionar se a linguagem escrita, *per se*, ainda ocupa espaços relevantes nas redes sociais, em sentido restrito no Facebook, e se dentro deste contexto de alumbramento podemos encontrar neste *site* de relacionamento formas, até mesmo arcaicas, de remix que de há muito vêm sendo utilizadas.

¹ “Maior rede de computadores do mundo, que se caracteriza pela forma descentralizada em que atua. Oferece serviços de comunicação de dados, como acesso remoto, transferência de arquivos, correio eletrônico, a *www* e grupos de discussão. A Internet é considerada um novo meio de comunicação pública, equivalente ao telefone ou à televisão.” (SAWAYA, 1999, p. 241)

² Abreviatura para WWW (*World Wide Web* - Literalmente, “Teia (Rede) Mundial”. A WWW é “um acervo universal de páginas da *Web* (*Web pages*) interligadas por vínculos (*links*), as quais fornecem ao usuário informações de um completo banco de dados multimídia, utilizando a Internet como mecanismo de transporte. a base da *www* é a hiperídia, uma combinação de texto, imagens gráficas, sons, animações e vídeo, por isso tornou-se ideal para a divulgação de informações na Internet.” (SAWAYA, 1999, p. 516)

³ Dados disponíveis em: <<http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>>. Acesso em: 30 set. 2011.

⁴ Em 2007, de acordo com May & Kwong (2007), foram geradas mais de um bilhão e meio de visualizações de páginas ao dia no FACEBOOK (*apud* KNOBEL & LANKSHEAR, 2008. p. 252)

2. **Remix**

Surgido primeiramente no domínio da música e da música eletrônica, o termo remix era sinônimo, ao menos para grande parte do público, de corte, mistura e junção, dando uma nova feição ou roupagem a antigos sucessos, ao unir composições musicais ou, simplesmente, alterando os batimentos, a cadência, o ritmo, ou a extensão de uma peça musical.

Tal conceito sofreu uma alteração significativa na década passada, especialmente quando se passou a enxergar nos novos meios digitais um terreno profícuo para práticas já arraigadas no desejo dos usuários, familiarizados, à época, com os métodos rudimentares do remix e que ganharam impulso extraordinário a partir do barateamento e da consequente popularização dos dispositivos computacionais (*vide* LESSIG 2001, 2004, 2006, 2008), dando início ao que passou a ser conhecido como “remix digital”.

Lessig (*apud* LANKSHEAR & KNOBEL, 2007, p. 1) afirma que “o remix digital constitui-se em uma forma contemporânea de escrita a qual está alcançando a envergadura de uma prática cultural massiva do dia a dia”, posto que em “um nível geral, toda cultura pode ser entendida em termos de remix, onde alguém cria um produto cultural misturando (mixando) elementos significativos, por exemplo, ideias de pessoas diferentes com ideias do próprio autor”, para, em seguida, “outra pessoa remixar este artefato cultural a fim de criar ainda outro artefato”.

O remix, ainda de acordo com LESSIG, é uma espécie de junção, de cola, ou seja, “se no texto, ou para além dele, o remix é uma colagem; ele surge da combinação de elementos da cultura do RO (apenas leitura); (o remix) produz efeito alavancando o significado criado como referência na construção de algo novo” (2008, p. 76), logo, em nosso cotidiano, estamos, muitas vezes sem nos perceber, realizando atividades de remix, já que “se comentamos um filme ou um livro e os discutimos com outros, estamos tomando a criatividade original do autor, remixando-a em nossa própria vida, usando-a para expandir nossas próprias ideias ou para produzir uma análise ou apreciação.” (LANKSHEAR & KNOBEL, 2007, p. 1-2)

A partir do exposto, poderíamos cogitar se o ato de remixar tenderia a ser muito mais comum e muito mais antigo do que se pudesse conjecturar. Logo, onde estariam, então, as origens do remix, ou seja, o re-

mix, conceitualmente tratado no âmbito da linguagem escrita e/ou falada, poderia remontar a um passado distante?

3. *Remix: uma prática antiga*

Muitos podem imaginar que o remix e a “cultura do remix” (LESSIG, 2008), são práticas contemporâneas recentes. Contudo, devemos lembrar que remixar não é apenas um produto da era digital. Porter (2009, p. 2) afirma que a rede de computadores pode ter tornado a cópia, o remix e a distribuição viral mais fácil, mas o processo básico é, e sempre foi, fundamental para todos os usos da linguagem. Ao usarmos a língua, nós remixamos. Tomando palavras e frases, imitando-as, tornando-as nossas, adaptando-as às novas circunstâncias.

Destarte, copiar, num primeiro momento, os gestos e as palavras de outrem e assim constituir nosso próprio discurso, de há muito vem sendo utilizado na formação de oradores e escritores. O ato de copiar, criando um produto novo advém de remotos tempos, pois conforme nos atesta Valente (1952, p. 66-67; p. 118-119) havia na Roma antiga¹ três fases na instrução dos jovens:

- a) *Ludus (litterarius)* – conduzido pelo *litterator* ou *ludi magister* – grau de ensino elementar em que os meninos frequentavam até os doze ou treze anos no qual aprendiam a ler, a escrever e a contar.
- b) *Grammatica* – conduzido pelo *grammaticus* ou *litteratus* – grau de ensino secundário em que os meninos frequentavam até os dezesseis anos no qual os bustos de célebres autores gregos e romanos eram contemplados. O professor fazia observações sobre matemática, métrica, mitologia, história literária ou política, física, geografia e tudo o que pudesse ser esclarecido acerca dos textos, muitos dos quais escritos pelos homenageados da estatuária. *A memorização ocupava grande parte do tempo dos alunos romanos, já que os ditados (leituras executadas com finalidade à escrita) eram comuns à época. Os jovens “decoravam o trecho explicado*

¹ Salientamos que até, aproximadamente, o ano 250 a.C. Roma não sofrera influência estrangeira, contudo a partir desta data até o ano 100 a.C. a educação romana foi transformada pela influência grega (SANDYS, 1910, p. 226).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

na sala de aula e faziam pequenas composições, reduzindo à prosa, excertos de um poeta e escrevendo pequenas narrações”. Nesta etapa, os alunos exercitavam o *praelegere*, isto é, a leitura com explicação aos ouvintes (*grifos nossos*).

- c) *Rhetorica* – grau de ensino posterior ao secundário em que os meninos frequentavam dos dezesseis até os dezessete anos. Neste período, o *rhetor* lhes ensinava eloquência (arte e prática efetiva do falar em público através da persuasão e do convencimento). “O aluno aplica-se a escrever discursos sobre assuntos imaginários e a declamá-los com a ajuda do professor, que lhe faz reparos sobre a elocução, o gesto etc.”

Como exposto, a educação romana, baseada por seu turno na instrução grega, devotava grande parte do tempo à cópia e à imitação. Portanto, misturar, processar e incorporar (procedimentos basilares empregados no remix atual) – são etapas fundamentais da escrita, análogas à que existiam na retórica grega e romana, isto é, o que ainda hoje praticamos é subsidiário de uma tradição superior a dois mil anos.

Embora não fosse chamada “remix”, a prática era conhecida como *imitatio*, tendo sido um componente integral da invenção da retórica e da pedagogia retórica, particularmente como desenvolvida pelos retóricos romanos. A cópia mecânica era vista como essencial para a invenção – isto é, uma estratégia para se criar um conteúdo. Através de grande parte da história da educação retórica ocidental, as práticas de *memoria*, *imitatio*, *compilatio* foram essenciais não somente para a invenção retórica canônica, mas, sobretudo, para a educação do falante/escritor (PORTER, 2009, p. 2).

A *memoria* era a recordação, a lembrança, também sinônimo de história e de narração dos fatos. Provérbios e trechos selecionados da literatura grega e romana eram utilizados para o aperfeiçoamento da memória (SANDYS, 1910, p. 232). Esta era, e ainda continua a ser, no mais das vezes, nosso sustentáculo solo já que “a memória é o único fiador original subsistente das realidades passadas para as quais tivemos certa vez a evidência dos sentidos (CAMPBELL, 1854, p. 69).

Imitatio era a “reprodução deliberada de um texto ou artefato pré-existente.” (PORTER, 2009, p. 2). Havia dois tipos de *imitatio*: **a)** *variatio* ou paráfrase, isto é, “o resultado ou o processo de produção de versões alternativas de uma sentença ou texto sem a alteração de seu signifi-

cado (CRYSTAL, 2008, p. 350); **b) *compilatio***, ou a coleção de fragmentos de várias fontes e a sua junção em algo inteiramente novo – ou, por outras palavras, remix.

Quer no âmbito da linguagem falada, quer no reino da escrita, a imitação ou mimese, como supraexplicado, era prática corriqueira. Não obstante, o que era válido no passado não perdeu sua importância na pedagogia atual, *lato sensu*, e na pedagogia do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira e/ou materna, *stricto sensu*, as quais elegem a repetição (por vezes de forma exaustiva) como fundamento do processo de aquisição linguística, já que, à guisa de exemplificação, “a aprendizagem do vocabulário acadêmico, tal qual em muitos outros aspectos da aprendizagem, pode tornar-se produtivo através de uma repetida exposição e de uma repetição contextualizada.” (HINKEL, 2004, p. 103)

Antes, contudo, de analisarmos se tais práticas bimilenares têm pertinência no mundo virtual contemporâneo, faremos uma breve exposição acerca de uma das mais populares ferramentas disponíveis na Internet atualmente: o Facebook.

4. Facebook

O Facebook (<http://facebook.com.br>)¹, de acordo com Lampe, Elison & Steinfield (2008, p. 721), é “um tipo de sistema computacional social, ou por outras palavras um *Social Network Site* [SNS] (sítio de rede social), no qual as pessoas dedicam cada vez mais tempo em seu cotidiano²”, já que “os SNS rapidamente vêm se tornando espaços nos quais muitos usuários interagem por longos períodos de tempo”. Entenda-se rede social como aquela que “consiste de todas as pessoas – amigos, família e outros – com os quais alguém compartilha um relacionamento social.” (GOLDER, WILKINSON & HUBERMAN, 2007, p. 2)

O Facebook surgiu timidamente em algumas universidades pré-selecionadas (inicialmente Harvard) nos Estados Unidos no início de 2004, tendo, contudo um rápido crescimento neste meio acadêmico, pois

¹ Sugerimos aos interessados e que por ventura ainda não conheçam o sítio que se registrem no endereço eletrônico a fim de observar *in loco* o funcionamento e o layout do *site*.

² Cassidy (2006) e May & Kwong (2007) afirmam que o usuário típico do Facebook despende cerca de 20 minutos por dia no *site* além do que dois terços dos usuários acessam-no ao menos uma vez por dia (*apud* KNOBEL & LANKSHEAR, 2008, p. 252).

em 2006, tinha uso quase ubíquo entre os universitários norte-americanos, com 90% de participação dos estudantes da graduação (GOLDER, WILKINSON & HUBERMAN, 2007, p. 1). Esta especificidade conferiu ao Facebook um alto grau de confiabilidade perante o público visto que a chancela acadêmica muitas vezes importa para a credibilidade de determinados produtos.

Por meio desta articulação, convites são enviados para uma lista de outros usuários que, em caso de concordância, tornam-se “amigos” do propositor. Uma vez “amigos”, uma foto e um *link* para a página do “amigo” convidado serão adicionados à página que contém o perfil do solicitante e vice-versa, assim como também os *links* de seus “amigos” tornar-se-ão recíprocos e públicos. Clicando nos *links* dos “amigos” do usuário, pode-se navegar através da rede dos “amigos”. Folhear e navegar através das listas dos “amigos” é a principal atividade na rede do Facebook (GOLDER, WILKINSON & HUBERMAN, 2007, p. 2).

Dentre os *sites* mais populares, podemos encontrar, além do Facebook, o MySpace, o Friendster, o Orkut, o Hi5 e o LinkedIn, os quais compartilham características das redes sociais, tais como arroladas por LAMPE, ELLISON & STEINFELD (2008, p. 721) e apontadas a seguir:

- a) Construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado;
- b) Articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão;
- c) Ver e percorrer suas listas de conexões e aquelas feitas pelos outros dentro do sistema

Dentre as várias seções disponíveis no *site* do Facebook, uma em particular chamou nossa atenção devido à constante atualização e das seguidas contribuições realizadas por outros usuários que tiveram como base uma determinada narrativa relatada pelo proprietário de uma página pessoal, sob o título “HISTÓRIAS”.

5. Caracterizando o tópico “HISTÓRIAS” do Facebook como cenário de remix

Na página inicial do FACEBOOK, o usuário irá encontrar no “FEED DE NOTÍCIAS” (local que permite aos usuários, mesmo os que

entram raramente no *site*, manterem-se informados sobre as atualizações mais importantes) a seção “HISTÓRIAS”. Tal divisão pode conter diversos tipos de produções: vídeos, áudios, fotos, textos etc.

Reside, exatamente, aí uma interessante característica: o usuário decidirá quando, com quem e de que forma irá interagir. Devemos lembrar que todas as interações acontecem entre “amigos”, muito embora, somente uma pequena “porção de amigos” troquem mensagens. (GOLDER, WILKINSON & HUBERMAN, 2007, p. 1)

A seção HISTÓRIAS funciona, basicamente, como um *blog*, isto é “um diário *online* o qual aparece em ordem cronológica. Os *blogs* refletem o pensamento pessoal e sentimentos acerca de todos os tipos de tópicos, incluindo atividades do dia a dia dos usuários; por conseguinte, um traço essencial dos *blogs* é sua subjetividade” (MITHUN & KOSSEIM, 2009, p. 2), além do que o Facebook, tal como outras SNS, é estruturado como uma rede pessoal (egocêntrica), com o indivíduo no centro de sua própria comunidade (BOYD & ELLISON, 2007 *apud* KNOBEL & LANKESHEAR, 2008, p. 251).

O usuário, ao compartilhar com o público de parte de sua intimidade, pode despertar enorme interesse e curiosidade daqueles que gravitam em sua órbita de “amigos”. Há usuários que detêm baixos índices de contribuição em seu próprio *blog*, devotando grande parte do tempo em perscrutar o que se passa na vida de outrem.

Se levarmos em consideração que o “*blog* é a atividade-chave nas redes sociais os quais possibilitam contribuições de quaisquer tipos de informação” (LAQUA & SASSE, 2009, p. 252), podemos presumir que os contributos em forma de texto escrito acompanhem esta avidez em imiscuir-se na privacidade alheia, sendo, assim, terreno oportuno para a prática do remix textual.

6. Metodologia

A fim de estudar o caráter vivo das práticas mais arcaicas do remix textual em uma ferramenta digital contemporânea, subscrevemo-nos no *site* Facebook. Rapidamente fomos “bombardeados” com convites para nos tornar “amigos” de uma vultosa lista. Aceitamos o convite de alguns dos proponentes e passamos a observar a seção HISTÓRIAS dos usuários à procura de eventos significativos.

No dia 25 de setembro de 2011, o AUTOR A (identificado desta forma no intuito de facilitar a tabulação dos dados) publicou uma mensagem (chamada de MENSAGEM ORIGINAL) a qual desencadeou, num espaço de três horas, um total de treze outras contribuições (rotuladas em algarismos arábicos, a partir do numeral 1), de outros nove autores (classificados, por ordem cronológica crescente de participação, com letras do alfabeto subsequentes à do AUTOR A) excetuando-se outras quatro intervenções realizadas pelo autor da MENSAGEM ORIGINAL, perfazendo, no total, 19 mensagens.

Com o propósito de manter o anonimato destes usuários, executamos o seguinte procedimento:

- a) Capturamos a íntegra das intervenções do excerto a ser analisado em um arquivo de texto¹ o qual pudesse ser manipulado a fim de apagar detalhes que não conviessem à investigação;
- b) Suprimimos as fotos, os nomes e quaisquer outras marcas dos usuários envolvidos nas trocas de mensagens as quais pudessem identificar tais sujeitos;
- c) Digitamos novamente o conteúdo no intento de manter a fidelidade do texto a ser analisado. Sendo assim, não fizemos nenhuma correção nos níveis sintático/ortográfico.

Tomadas as precauções anteriormente citadas, passamos a analisar uma ocorrência de remix textual na seção histórias do Facebook a qual, em nosso entendimento, pode ser prototípica de outras tantas que ocorrem diuturnamente neste e em outros sítios de redes sociais.

7. Discussão e análise

Antes, porém, de analisarmos as ocorrências de remix textual, disponibilizaremos a íntegra do excerto da seção histórias, veiculada pelo Autor A, no dia 29 de setembro de 2011, às 15 horas e 22 minutos (horário de Brasília).

¹ Obviamente que tal insulamento resultou em uma descrição estática, bem diferente da atividade encontrada nos sítios de redes sociais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir deste fragmento participativo retirado da página pessoal do AUTOR A, podemos, vislumbrar três práticas de remix as quais, mesmo em um nível bastante elementar de processamento, apontam para técnicas e procedimentos consagrados desde épocas remotíssimas, a saber: *memoria* e *imitatio* (*variatio* e *compilatio*).

Como exemplo da prática de *memoria* tomada aqui como transcrição literal, podemos destacar a CONTRIBUIÇÃO 05, na qual o AUTOR D, a fim de corroborar com o AUTOR A, retira da MENSAGEM ORIGINAL um pequeno fragmento, colocando-o entre aspas, o que já denuncia espontaneamente a ciência do AUTOR D em saber que o trecho escolhido não é de sua lavra:

Contribuição 05	AUTOR D – “Mas divulgam aqui forró como a coisa mais importante do mundo.” Triste verdade...=/
-----------------	--

Desta forma, um trecho da MENSAGEM ORIGINAL serve de pretexto a fim de se realizar um brevíssimo comentário “*Triste verdade...=!*”, ou seja, o AUTOR D em suas lucubrações remixa a mensagem primitiva, o que tende a conferir maior autoridade aos argumentos por ela veiculados, em uma espécie de fortalecimento do ponto de vista do AUTOR A, como se D estivesse a pensar alto, refletindo sobre o que o A acabara de tornar público, corroborando com seu ponto de vista.

Percebe-se ainda o uso das aspas a fim de fazer uma citação direta na CONTRIBUIÇÃO 14. No caso específico, o AUTOR G não faz referência a elementos internos ao texto, mas extrapola o nível textual (tal como defendido anteriormente por LESSIG: “*se no texto, ou para além dele, o remix é uma colagem*”), ao invocar para a discussão o bordão “*Só Jesus na nossa causa!*” de uma famosa personagem humorística “VALÉRIA VASQUES”, do programa “Zorra Total” da Rede Globo de Televisão.

No exemplo concreto, há o que DIAKOPOULOS (2005) chama de “remix de ideias”, visto que “envolve uma ou mais pessoas combinando ideias coligidas de diferentes fontes, as quais estão citadas nas mídias, assim como juntando ideias para o desenvolvimento de um texto específico”. (*Apud* ERSTAD, 2008, p. 189)

Contribuição 14	AUTOR G – É como diria a nossa “filósofa” do momento, Valéria Vasques, “a bonita”: “ Só Jesus na nossa causa! ”...kkkkkkkkkk
-----------------	---

Esta citação gerará uma contribuição subsequente (15), na qual o mesmo autor (G) irá fazer uma crítica direta a uma determinada comuni-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dade religiosa (*só não pode ser o “Jesus” das pentecostais!*), para, em seguida, mencionar uma notícia internacional (*Lembrando aqui dos cubanos que se encontram há dias trancafiados dentro de uma igreja evangélica, afirmando que diante dos muitos “pecados” da nossa sociedade (crescimento da idolatria, homossexualismo etc.), “estão dispostas a morrer por Jesus”...Aff!*).

Contribuição 15	AUTOR G – Ps: Sorry...só não pode ser o “Jesus” das pentecostais! (Lembrando aqui dos cubanos que se encontram há dias trancafiados dentro de uma igreja evangélica, afirmando que diante dos muitos “pecados” da nossa sociedade (crescimento da idolatria, homossexualismo etc.), “estão dispostas a morrer por Jesus”...Aff!)
-----------------	--

Deste modo, a *memoria* serve como razão para fortalecer a óptica de discussão do assunto, ao mesmo tempo em que poderia gerar outros tópicos discursivos – o programa/personagem humorístico; o mercantilismo religioso e o sectarismo religioso – os quais, contudo, não vão ser aproveitados pela comunidade dos participantes, já que não gerou nenhuma dissidência do que vinha sendo debatido.

Transcrição exata também pode ser verificada em uma passagem da CONTRIBUIÇÃO 10, onde o AUTOR A ao se dirigir a outros seis autores (F, B, C, D, E, G) extrai uma frase da composição “Cálice”, cuja autoria é de Chico Buarque de Hollanda e Gilberto Passos Gil Moreira. Aqui a referência é feita, não com o uso das aspas, mas seguida de dois pontos, também a indicar que a partir daquela marca a autoria passa a ser de outrem, isto é, para anunciar a mudança de foco de narrador para citação.

Contribuição 10	AUTOR A – Lembrei agora AUTOR F, AUTOR B, AUTOR C, AUTOR D, AUTOR E e AUTOR G da canção do Chico Buarque: <i>Pai, afasta de mim este cálice.</i>
-----------------	--

Tal *memoria* é bastante curiosa, já que o contexto original da frase remontaria ao sofrimento de Jesus Cristo após a Santa Ceia, na qual este teria sido tomado pelo terror do porvir. A sentença, então, fora aproveitada, em 1978, pelos compositores Chico Buarque e Gilberto Gil a fim de protestar contra o regime militar brasileiro e a opressão popular dos anos de 1960/1970/1980.

Em pleno século XXI, o “cálice” não tem o sentido bíblico (medo da morte/sofrimento), nem tampouco guarda contato com a repressão (cale-se!), mas com algo subjetivo (poupar a paciência dos autores de coisas grosseiras e vis), que para muitos inclusive não causa nenhum

desconforto. Assim, vemos que a expressão “Pai, afasta de mim esse cálice!” de há muito vem sendo reaproveitada, isto é, remixada.

Os exemplos de *imitatio* podem ser divididos em duas categorias: *variatio* e *compilatio*. Embora num texto tão exíguo, conseguimos enxergar exemplares das duas práticas.

Podemos classificar como *variatio*, isto é, *paráfrase*, entendida como modo diverso de expressar uma frase ou texto, a CONTRIBUIÇÃO 03, visto que o trecho “... realmente são grandes *equivocos*...” faz uma retomada da primeira frase da CONTRIBUIÇÃO 02 tomando o termo, em espanhol, “*equivocadas*” como glosa para o desenvolvimento de seu tópico frasal.

Contribuição 02	AUTOR C – tal vez sean nuestras amistades <i>equivocadas</i> ... o nosotros somos muy distintos de todo!!
Contribuição 03	AUTOR A – Aff, AUTOR C realmente são grandes <i>equivocos</i> . Por outro lado fico feliz enquanto os outros cantam músicas vazias de forró, vc aprimora seu espanhol.

Curiosamente também poderíamos considerar como uma amalgamação de *memoria* e *variatio* (vide a citação de Barthes a seguir) a CONTRIBUIÇÃO 04, visto que o trecho “tens razão, *pérolas de valores questionáveis!*” reforça o que já fora dito na CONTRIBUIÇÃO 01 pelo AUTOR B, finalizada, exatamente com a expressão que dá o mote para o alargamento do comentário do AUTOR A na CONTRIBUIÇÃO 04: “... já espero essas *pérolas*”, pois ao mesmo tempo em que funciona como citação direta, também serve para expressar de forma diversa a CONTRIBUIÇÃO 01 conforme pode se cotejado a seguir:

Contribuição 01	AUTOR B – Verdade bicho, quando chega a sexta eu já espero essas <i>pérolas</i> .
Contribuição 04	AUTOR A – AUTOR B tens razão, <i>pérolas de valores questionáveis!</i> No mínimo para nós. A quem entende isso com importante.

Finalmente, neste breve extrato, podemos ainda encontrar o que se convencionou chamar de *compilatio*, isto é, a reunião de textos de vários autores, posto que, cada cota tende a funcionar como um microtexto em uma estrutura de escrita colaborativa, na qual as várias contribuições vão se somando a fim de constituir uma resultante desta cooperação, ou pelas palavras de Barthes (1978): “um texto é antes de tudo uma série, um amontoado de citações nascido de inumeráveis fontes.” (*apud* ERSTAD, 2008, p. 189)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desta maneira, podemos cogitar que na CONTRIBUIÇÃO 10 há uma *compilatio* das CONTRIBUIÇÕES 6 e 8, além da MENSAGEM ORIGINAL e da citação direta de parte da composição de Chico Buarque e Gilberto Gil (embutida na própria CONTRIBUIÇÃO 10), pois poderíamos adicionar à prece iniciada na MENSAGEM ORIGINAL, as contribuições propostas pelos AUTORES E e G, além da frase da composição musical, o que geraria uma outra súplica religiosa tal como pode ser evidenciado pelo exame dos trechos, em negrito, a seguir:

Mensagem original	AUTOR A – <i>Meu Deus, perdoa-me a velhice que me chega aos 28 anos de idade!</i> Mas fico impressionado como as pessoas apenas exaltam coisas pífias. Raras são os casos de alguém compartilhar nesse espaço uma ideia produtiva. Mas divulgam aqui forró como a coisa mais importante do mundo. <i>Eita meu Deus, tem piedade de mim no juízo final pelos forrós que não fui e pelas bebidas que não me deixaram bêbado e pelos cigarros que nunca traguei. Creio que o senhor terá misericórdia de minha alma. Aff! Desabafei!</i>
Contribuição 06	AUTOR E – eh , perdoa senhor, pelos pecados cometidos e não cometidos!
Contribuição 08	AUTOR G – Faltou o perdão por não ter uma moto com cano de escapamento adulterado pra “truar pelas ruas” ensurdecendo as pessoas, ou levantando o pneu dianteiro e baixando em cima dos outros...
Contribuição 10	AUTOR A – Lembrei agora AUTOR F, AUTOR B, AUTOR C, AUTOR D, AUTOR E e AUTOR G da canção do Chico Buarque: <i>Pai, afasta de mim este cálice.</i>

Podemos, então, inferir que para participar de uma rede social e contribuir significativamente, além de um letramento básico (escrita tradicional) o usuário necessita dominar outras técnicas ligadas aos novos letramentos, já que o “letramento nos novos meios inclui o letramento tradicional o qual evoluiu com a cultura impressa bem como com as novas formas dentro dos meios de comunicação em massa e digitais (JENKINS *et al*, 2009, p. 19).

Portanto, não se deve abandonar ou transigir com os saberes tradicionais, visto que a tecnologia *per se* não garante sucesso absoluto, especialmente num período no qual as mais diversas mídias vão se misturando e (re)combinando, ou seja, para dominar as “novas formas” de escrita os autores não devem deixar de assenhorear-se de várias e sabidas práticas tradicionais.

8. Considerações finais

Muitas das tecnologias tidas como revolucionárias, por vezes apenas replicam práticas de há muito consagradas. O remix textual digital, produto cultural desta nova era da comunicação e da informação, tem suas bases na tradição grega e romana da retórica, em especial quando da reutilização das falas e dos pensamentos de outrem que se incorporam e reconstróem a (re)criação do autor.

Copiar, transcrever e compilar frases e excertos, intra e intertextuais, apresentam-se como etapas bastante corriqueiras da escrita presente na Internet, *lato sensu*, e nas redes sociais, mais precisamente no caso do *site* Facebook, cujos usuários fazem uso sem embargos de tais recursos, assim como analisado e discutido, mesmo que de forma limitada, no presente trabalho.

Importante seria, então, questionar a forma através da qual poderíamos aproveitar as atividades de remix nos sistemas de ensino, já que tais práticas “atualmente representam uma mudança em nossas escolas, afastando-se do desenvolvimento do conhecimento sendo baseado em contextos pré-definidos pelos livros, bem como da reprodução de conhecimento fornecido pelo professor, para uma situação na qual (*grifo nosso*) os estudantes apoderam-se de determinado conteúdo e criam algo novo, algo não pré-definido.” (ERSTAD, 2008, p. 178)

Há que se notar o caráter absolutamente textual do excerto em análise, que circunscreve nosso breve estudo no campo do remix escrito, *stricto sensu*, embora a prática possa ser expandida para outras manifestações midiáticas, o que DIAKOPOULOS (2005) chama de “remix de mídias”, pois neste caso: “implicaria que o remixador iniciasse com exemplos concretos de mídias as quais então seriam segmentadas e recombinaadas, colocando-se junto diferentes elementos.” (*Apud* ERSTAD, 2008, p. 189)

Mesmo, por vezes, citando uma música, personagem de programa televisivo ou notícia veiculada na televisão, os usuários do Facebook no trecho analisado escusam-se de utilizar fragmentos dos recursos midiáticos os quais poderiam prover facilmente o significado desejado pelos autores, ou em outras palavras, isentam-se eles de remixar mídias, remixando “apenas” as ideias.

Ao que tudo indica, podemos estar desperdiçando ótimos e ricos momentos de uma escrita significativa, disponível publicamente e prati-

cada avidamente por muitos de nossos alunos, a qual pode variar de simples registro verbal escrito até ocorrências envolvendo elementos de fontes plurivalentes e que muitas vezes são olhadas com desdém, já que são entendidas como meras imitações.

Abre-se, a partir das ideias basilares de LESSIG, um horizonte bastante inquietador para aqueles interessados em investigar como a prática do remix perpassa várias situações bastante comuns no mundo virtual, embora muitas das quais guardem proximidade, como pudemos ver, com técnicas de épocas muitíssimo remotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, George. *Philosophy of rhetoric*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1854.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

_____. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DIAKOPOULOS, Nicholas *et alii*. *The Evolution of Authorship in a Remix Society*. Manchester: ACM, HT 07, p. 133-136, set. 2007.

ERSTAD, Ola. Trajectories of remixing: Digital Literacies, Media Productions and Schooling. In: LANKSHEAR, Colin, KNOBEL, Michele & LANG, P (Editors). *Publishing Digital literacies: concepts, policies and practices*. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2008, chapter 12, p. 279-306.

GOLDER, S., WILKINSON, D. & HUBERMAN, B. A., *Rhythms of Social Interaction: Messaging within a Massive Online Network*. In 3rd International Conference on Communities and Technologies (CT2007). (East Lansing, MI, 2007), Springer. Disponível em: <<http://www.hpl.hp.com/research/idl/papers/facebook/facebook.pdf>>. Acesso em: set., 2011.

HINKEL, Eli. *Teaching academic ESL writing: Practical techniques in vocabulary and grammar*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JENKINS, Henry *et alii*. *Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century*. MIT: The MacArthur Foundation, 2009.

LAMPE, Cliff; ELLISON, Nicole B. & STEINFELD, Charles. *Changes in Use and Perception of Facebook*. San Diego, California. CSCW'08, Nov. 8-12, 2008.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Digital Remix: The Art and Craft of Endless Hybridization*. In: International Reading Association Pre-Conference Institute "Using Technology to Develop and Extend the Boundaries of Literacy", Toronto, 13 maio 2007.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Digital Literacy and Participation in Online Social Networking Spaces. In: LANKSHEAR, Colin, KNOBEL, Michele & LANG, P (Editors). *Publishing Digital literacies: concepts, policies and practices*. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2008, chapter 17, p. 249-278.

LAQUA, Sven; SASSE, M. Angela. *Exploring Blog Spaces: A Study of Blog Reading Experiences using Dynamic Contextual Displays*. HCI 2009 – People and Computers XXIII – Celebrating people and technology. 2009. Disponível em: <http://sec.cs.ucl.ac.uk/fileadmin/sec/publications/Laqua_Sasse_Exploring_Blog_Spaces_-_HCI2009.pdf>. Acesso em: out. 2011.

LESSIG, Lawrence. *Remix*. London: The Penguin Press, 2008.

_____. *Cultura livre: Como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade*. Tradução de Fábio Emílio Costa. New York: The Penguin Press, 2004.

_____. *Code: version 2.0*. New York: Basic Books, The Perseu Book Group, 2006.

_____. *The future of ideas: The fate of the commons in a connected world*. New York: Random House, 2001.

MANOSSO, Radamés. *Elementos de retórica*. [S.l.]: Rocketedition, 1999.

MITHUN, Shamima; KOSSEIM, Leila. *Summarizing blog entries versus news texts*. In *Events in Emerging Text Types (eETTs) – Borovets, Bulgaria*, 2009. Disponível em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<<http://clg.wlv.ac.uk/events/eETTs/papers/mithun-paper.pdf>>. Acesso em: out. 2011.

PORTER, Jim. *Remix culture, remix writing*. In: Armstrong Institute for Interactive Media Studies. Postado em 27, out., 2009. Disponível em: <<http://aims.muohio.edu/2009/10/27/remix-culture-remix-writing>>. Acesso em: 30 set. 2011.

RÓNAL, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANDYS, John Edwin. *A companion to latin studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1910.

SAWAYA, Márcia Regina. *Dicionário de informática e internet*. São Paulo: Nobel, 1999.

WITTE, Shelbie. “That’s online writing, not boring school writing”: Writing with blogs and the Talkback Project. *Journal of adolescent & adult literacy*, n. 51, p. 92-96, out. 2007.

TANNER, William M. *Composition and rhetoric*. Boston: Ginn and Company, 1922.

TREDINNICK, Mark. *Writing well: the essential guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VALENTE, Milton Luís. *Ludus: Curso de Latim*. 61. ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1952.